

## REVISTA

Santiago, setembro. Pela  
Panair do Brasil.

232  
Apareceu, afinal, a revista de Pablo Neruda. Não com o orgulhoso título antes anunciado de "Maioria", mas com o simplicíssimo nome de "Gaceta de Chile", desenhado em letras à feição antiga. Sendo de quem é, a revista não poderia deixar de ter seu lado político, embora destinada a divulgar coisas de artes e letras. Mas é visível a intenção de não fazer da "Gaceta" uma dessas publicações "de comunista para comunista" que geralmente, quando abordam assuntos artísticos e literários, ficam logo limitadas em todos os sentidos, reduzidas a uma espécie de "panelinha vermelha" para a qual todo escritor "fora da linha" é pelo menos um decadente ou um idiota, quando não mercenário e traidor do povo...

O editorial de apresentação diz, muito pelo contrário: "Daremos na revista ampla tribuna às idéias, ao debate criador. Não excluiremos tendências ideológicas ou estéticas. Queremos promover, com respeito às diversas posições, a unidade dos intelectuais e artistas do Chile, para salvar a elevação de seu trabalho de criação em qualidade e em profundidade."

Linguagem, como se vê, muito conciliatória, muito espírito de Genebra, muita paz na terra entre os artistas de boa vontade. A colaboração é em geral boa, há homenagens aos dois grandes mortos dos últimos tempos — Thomas Mann e Léger — e em papel amarelo, em separata, ao ingênuo feitio dos cancioneiros populares ou jornais de modinhas, quatro páginas de poesia sob o título "Rosa de Poesia".

Há uma crônica de cinema de Francisco Coloane, escritor de assuntos marítimos-austrais, autor de duas novelas "Cabo de Hornos" e "A Terra do Fogo se apaga", que serviram de tema a dois filmes ultimamente rodados no Chile com diretor mexicano. Coloane já andou servindo de assistente de diretor e parece ser também crítico de cinema. Tem pelo menos uma virtude, esse homem barbudo, afeito a gelos e pinguins: confessa que às vezes dorme no cinema. A certa altura diz: "Se estou cansado, adormeço, e me afundo então em minha própria caverna interior, o que é uma grande comodidade. Posso depois despertar retomando a película no fim, e se as sessões são contínuas tenho às vezes o prazer dos deuses de conhecer o destino dos homens antes de eles terem nascido..."

Há uma crônica de Joaquín Edwards Bello que fala do Brasil e de maneira bastante curiosa; mas isto, naturalmente, fica para amanhã.

2/10/55 R.B.

328